

cadernos

IHU
ideias

A Arte da
Ciência
e a Ciência da
Arte

Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend

Hans Georg Flickinger

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



A Arte da Ciência e a Ciência da Arte
Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend
The Art of Science and the Science of Art
An approach from Paul Feyerabend

Hans Georg Flickinger

Resumo

A tese da inferioridade das artes quanto à criação do saber verdadeiro vale apenas para as artes comprometidas com o ideal do belo. No momento em que as artes se rebelam contra esse ideal e, portanto, contra a tutela exercida pela teoria, elas abrem um campo inédito de experiências. Essa mudança radical atingiu também as Teorias de arte que ao tentar impor sua conceituação científica às artes, passaram a ameaçar estreitar nosso acesso à experiência estética e suprimir o fascínio desafiador que dela emana. Reconhecer a experiência estética como campo de produção autêntica do saber, ou submeter de novo as artes ao conceito, do qual elas se vêm tentando libertar em processo penoso – eis o conflito que marca as discussões recentes em torno ao arsenal metódico e conceitual das Teorias de arte. Não surpreende, portanto, que Feyerabend refletisse sobre a relação entre ciência e arte como áreas de produção do saber, à primeira vista, incompatíveis. Crítico da Teoria da Ciência e íntimo conhecedor das ciências teatrais, ele tinha plena consciência de que, se aceitasse seguir os critérios da cientificidade, qualquer produção artística estaria negando a autenticidade da experiência estética.

Palavras-chave: arte, ciência, estética, racionalidade, Feyerabend.

Abstract

The theory of the inferiority of arts in the creation of true knowledge is only possible to the arts committed to the ideal of beauty. On the moment the arts rebel against this ideal and therefore against the supervision exercised by the theory, they open an unpublished field of experiments. This radical change also affected the theories of art on trying to impose their scientific conceptualization of the arts, and then began to threaten our access to narrow aesthetic experience and suppress challenging fascination that emanates from it. Recognize the aesthetic experience as a field of authentic knowledge production, or resubmit the arts to the concept, which they are trying to free in a painful process – this is the conflict that marks the recent discussions around the methodical and conceptual arsenal of Theories of art. Not surprising, therefore, that Feyerabend reflects on the relationship between science and art as areas of knowledge production, at first sight, incompatible. Critical Theory of Science and intimate *connoisseur* of theatrical sciences, he was fully aware that if accepted following the criteria of scientificity, any artistic production would be denying the authenticity of the aesthetic experience.

Keywords: art, science, aesthetics, rationality, Feyerabend.

cadernos **IHU** ideias

**A Arte da Ciência
e a Ciência da Arte**
Uma abordagem
a partir de Paul Feyerabend

Hans Georg Flickinger

ano 12 • nº 217 • vol. 12 • 2014 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

www.ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XII – Nº 217 – V. 12 – 2014

ISSN 1679-0316 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

Conselho editorial: MS Caio Fernando Flores Coelho; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Neves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Caio Fernando Flores Coelho

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

A ARTE DA CIÊNCIA E A CIÊNCIA DA ARTE UMA ABORDAGEM A PARTIR DE PAUL FEYERABEND

Hans Georg Flickinger

Desde o Romantismo, as artes tentam libertar-se do gesto dominador da teoria. A oposição ao conhecimento racional como lugar exclusivo da verdade tornou-se, por isso, a marca das artes modernas. Estas, de fato, recusam a tese famosa de Hegel – apoiada na ideia de que a teoria filosófica seria o lugar por excelência do saber verdadeiro –, segundo a qual as artes pós-românticas “pertencem, para nós, ao passado” (Hegel, 1993, p. 13). Ainda assim, mesmo contestada, a tese tem um lado avesso interessante. Sabe-se que Hegel atribuiu às artes de sua época um potencial de verdade inferior, porque, atendendo ao ideal do belo, elas deveriam adequar a produção artística a conteúdos de antemão legitimados pela teoria; ora, a tentativa de dar legitimação a isso leva a duas conclusões, em geral, pouco pensadas. Primeira conclusão: a tese da inferioridade das artes quanto à criação do saber verdadeiro vale apenas para as artes comprometidas com o ideal do belo. Segunda conclusão: no momento em que as artes se rebelam contra o ideal do belo e, portanto, contra a tutela exercida pela teoria, elas abrem, aliás, não só para si mesmas, um campo inédito de experiências. De fato, as artes modernas dão-nos um testemunho contundente dessas duas afirmações. Foi ao abandonar o ideal do belo que elas conquistaram a liberdade de experimentar com temas a elas antes proibidos, tornando-se também capazes de refletir sobre si mesmas. Exemplos não nos faltam: desde a tematização do potencial destrutivo da natureza, na tradição romântica, até os experimentos com as tecnologias mais avançadas, como na arte-vídeo ou no uso do computador tridimensional, a imagem do homem senhor de si viu-se abalada pela força autopoética do material e pela dinâmica do processo de produção.

Essa mudança radical atingiu também as Teorias de arte, que, no entanto, ao tentar impor sua conceituação científica às artes, passaram a ameaçar estreitar nosso acesso à experiência estética e suprimir o fascínio desafiador que dela emana. Eu explico. Em vez de tomar a sério as representações artísticas que fogem do alcance do conceito, a teoria quer reencontrar nelas apenas o conteúdo delimitado por ela. Reconhecer a experiência estética como campo de produção autêntica do saber, ou submeter de novo as artes ao conceito, do qual elas vêm

tentando se libertar em processo penoso – eis o conflito que marca as discussões recentes em torno ao arsenal metódico e conceitual das Teorias de arte.

Diante desse cenário, é necessário lançar luz sobre a relação entre o saber teórico e as artes modernas. Parece que, em ambos, não se trata apenas de maneiras diferentes de buscar acesso ao mundo, senão, também, de reivindicações distintas de autenticidade em sua expressão da verdade.

1.

“Sociedades fechadas desapareceram há muito tempo, mas seus métodos de suporte ainda estão entre nós sob a forma de teorias estéticas, teorias de ação, filosofias da Ciência, regras da fé”, escreve Feyerabend (1967, p. 410), para quem qualquer teoria que insista em fazer da coerência racional o critério suficiente para cumprir sua pretensão de verdade, é arrogante e recai em mero dogmatismo. Segundo ele, uma tal teoria ignoraria os demais modos de produção do saber que, como as artes, recorrem a outros meios de construção e expressão de experiências em relação ao mundo; teoria esta a qual ele qualifica enquanto “chauvinismo científico que resiste à introdução de alternativas ao ‘status quo’” (Feyerabend, 1977, Introdução § 4).

Não surpreende, portanto, que Feyerabend refletisse sobre a relação entre ciência e arte como áreas de produção do saber, à primeira vista, incompatíveis. Crítico da Teoria da Ciência e íntimo conhecedor das ciências teatrais, ele tinha plena consciência de que, se aceitasse seguir os critérios da cientificidade, qualquer produção artística estaria negando a autenticidade da experiência estética. Com efeito, foi recorrendo ao *Pequeno organon para o teatro*, de Bertolt Brecht, que o filósofo conseguiu mostrar o quanto a primazia da teoria na compreensão das obras de arte espoliaria a experiência estética de seus impulsos mais desafiadores. Aliás, foi nesta mesma época que a *Teoria Estética* de T. W. Adorno legitimou essa crítica de Feyerabend, ainda que por um outro viés, ao apontar a tensão inerente às artes modernas. Segundo Adorno, estas artes rebelam-se contra o abraço sufocante do conceito, dando voz ao que nelas se oculta a cada abordagem científicista (Flickinger, 2011).

A partir dessa sua crítica, Feyerabend entendeu que o que se fazia necessário à compreensão da arte seria defender o método científico da múltipla representação – “method of multiple representation” –, que, segundo ele, alimentaria a produção artística. O que, como dito, à primeira vista parecia incompatível

1 “Closed societies have disappeared long ago, but their methods of support are still among us in the guise of aesthetic theories, theories of acting, philosophies of Science, rules of Faith”

(ciência e arte), tornava-se, assim, passível de ser reunido, levando a um “melhoramento das ciências e das artes” e à “possível identidade de ambas” (“improvement of the sciences and the arts and the possible identity of the two”) (Feyerabend, 1967). Ele estava, de fato, convencido de que as ciências podem aprender algo das artes, assim como, ao longo de toda sua história, as artes abeberaram-se das ciências. Tratava-se, segundo ele, de uma aprendizagem baseada no reconhecimento mútuo do compromisso com a verdade, a que tanto as ciências quanto as artes se teriam obrigado.

Através de duas observações exemplares, extraídas da experiência que o homem ocidental vem fazendo com as artes modernas, eu quero agora confirmar a chance de as artes modernas e as ciências aprenderem não apenas umas sobre as outras, senão também sobre si mesmas. A primeira observação recorre às imagens do fragmento, do torso e da ruína artificial, tão típicas do espírito do Romantismo, que parece estar na nascente das artes modernas. Não são as ideias do todo, da completude e da unidade, que orientam a produção artística romântica; pelo contrário, ela usa o fragmento como símbolo, que aponta a um todo ainda oculto; o mesmo pode ser dito do torso e da ruína. A função específica dos três – fragmento, torso e ruína – está em que todos eles dirigem a atenção do espectador a um todo oculto ou não representado. Nos termos da teoria dos signos, o fragmento, o torso e a ruína são signos que apontam para um designado, do qual, no entanto, ainda não se tem conhecimento. Tem-se apenas um polo (o signo) em relação de tensão com um outro, cuja descoberta depende unicamente da interpretação. Refiro-me, aqui, à configuração exposta com clareza por Nelson Goodman em *Languages of Art*, quando este fala acerca da “representation as” (Goodman, 1969, cap. 16). O saber oriundo da experiência estética é um saber criado – mediante a interpretação – pela mera projeção de um possível significado que, por sua vez, concorrerá com outras opções pretensamente verdadeiras. “Esse est interpretari” – é como Arthur Danto formula a consequência desta abordagem (Danto, 2005).

Sem dúvida, as metáforas do fragmento, do torso e da ruína ajudam a caracterizar a dinâmica inerente aos procedimentos científicos, pois os avanços científicos não nascem de um nada. Pelo contrário, eles baseiam-se na descoberta das insuficiências de um saber anterior tido como válido. Seja devido à necessidade de precisar o conhecimento ou de ampliá-lo, seja devido à necessidade de mudar o paradigma científico até então vigente, os avanços do saber remetem sempre a uma insatisfação existente no que tange ao ‘status quo’ da respectiva área científica. E o uso dos símbolos do fragmento, do torso e da ruína ajuda a entender essa tensão intrínseca ao processo científico. É que, ao invés de tomar o ‘status quo’ do conhecimento en-

quanto palavra final, tais símbolos transformam-se em um material incompleto, servindo de base a outras e melhores projeções da teoria. Tal como acontece na produção artística, cujas obras anunciam possibilidades abertas de experimentar e interpretar o mundo, as teorias experimentam, também, alternativas diversas de concebê-lo. Trata-se, aí, de concepções teóricas, que, tendo cada uma delas a sua própria pretensão de verdade, entram em concorrência entre si. Não há como atribuir validade maior a uma ou a outra sem que se caia numa petição de princípio. Evitando-se isto, abre-se-nos um leque muito amplo de caminhos para chegar ao saber. Um leque que, segundo Feyerabend, corresponde ao espírito do “anything goes”, que extrai as consequências da lógica intrínseca ao espírito do assim chamado Racionalismo Crítico. É da ‘fragmentação’ ou do ‘arruinamento’ do saber legitimado até então pelas críticas teóricas anteriores – os racionalistas falariam aqui de ‘falsificação’ – que o conhecimento científico passa a receber impulsos e se alimentar. De modo que a “teoria anárquica do conhecimento”, de Feyerabend, pode ser compreendida como uma filosofia do fragmentário, que reforça a crítica da cientificidade apodítica.

A segunda observação a ser associada à crítica das Teorias da Ciência tem a ver com os modos de expressão em princípio ilimitados da produção artística. Os experimentos com materiais e tecnologias avançadas levam as artes a ampliar seu potencial expressivo e a refletir, assim, sobre si mesmas. É esse processo autorreflexivo que explica a dinâmica das artes modernas. Graças a sua desconfiança em relação à racionalidade instrumental cartesiana, elas denunciam o “burlesco involuntário da teoria pura”. Exemplo típico disso é a experiência que se pode apontar no indivíduo que serve como guia em um museu qualquer. Pois este, mesmo explicando as obras de arte com a perfeição teórica de um perito, dificilmente alcançará a origem do fascínio provocado pelo artefato artístico no espectador; um fascínio aparentemente ‘não racional’ que, pelo avesso, chega a ofender o perito, roubando-lhe a autoridade frente à reação do espectador; reação esta que ele – enquanto perito – não é capaz de *apanhar* teoricamente. Escapadas à tutela do conceito, as artes tornam-se livres e passam a provocar a teoria. É raro, por isso, que o homem, no seu ensimesmamento narcisista, esgote o potencial verdadeiro das configurações estéticas.

Contestar a onipotência da racionalidade cientificista – eis o impulso que levou as artes modernas a perder a sensação de inferioridade quanto ao saber estabelecido. Experimentando modos novos de enfrentar a pretensa verdade do conhecimento científico, elas passaram a tematizar o que não é alcançado por aquele. Um belo exemplo é o recurso das artes aos meios da tecnologia avançada. Em geral, o desenvolvimento de tecnologias segue fins externos. Vinculadas à racionalidade instrumen-

tal e à concepção utilitarista a elas subjacentes, as tecnologias *servem* – no sentido estrito da palavra – para realizar ideias e projetos elaborados pela teoria. Dentro dessa dependência, as tecnologias interessam, em primeira linha, por facilitar e aperfeiçoar o *manejo* da natureza e da vida humana. Ora, a preocupação das artes com a dinâmica das tecnologias avançadas – por exemplo, da informática nas artes plásticas; da técnica de sons na música; da técnica de composição nas artes visuais – suspen- de, em grande parte, a sua dependência quanto a fins a ela alheios. Observa-se aí a perspectiva oposta; a saber, a experimentação e a exploração do potencial autopoético da própria tecnologia abrem um leque inesperado de experiências estéticas que, não raro, ampliam também seu uso instrumental.

A verdade é que tanto a referência à imagem do fragmento nas artes como modelo estrutural que subjaz ao processo científico quanto a liberação das artes da camisa-de-força da razão científico-instrumental vêm confirmar a tese de Feyerabend quanto ao “improvement of the sciences and the arts” (melhoramento das ciências e da arte); pois o que ocorre aí é uma ampliação da chance de cada uma delas vir a ser impulsionada pela outra. Com isto, as artes modernas desafiam a razão científica a renunciar a sua pretensão de verdade exclusiva e reivindicam o reconhecimento dos mais variados acessos ao saber; entre estes, verificamos que a adesão ao critério da coerência lógica passa a concorrer com outras abordagens possíveis.

É importante notar, aqui, que a relação entre ciência e arte modernas é apenas um dos exemplos que legitimam a crítica de Feyerabend. Ele mostrou que a racionalidade torna-se mito ao reivindicar para si a exclusividade da verdade. Contra esse risco, é necessário defender a equiparação epistemológica dos mais diferentes tipos de acesso ao mundo. Trata-se de uma crítica, que leva à necessidade de reconsiderar muitas outras questões, as quais não recebem respostas sustentáveis no cenário atual das ciências.

2.

Os argumentos usados por Feyerabend, na sua crítica da Teoria da Ciência, permitem que se volte a tematizar alguns aspectos de grande importância e, no entanto, relegados à sombra pela racionalidade cientificista. Contento-me, aqui, em referir apenas três deles: o olhar enquanto meio moderno privilegiado de legitimar o saber; a fundamentação do espírito crítico; e a questão da interdisciplinaridade.

No que diz respeito ao olhar, observa-se, ao longo da história das ciências, um fato surpreendente, embora pouco discutido. Falo da substituição que se verificou, ao longo do desenvolvimento das ciências, do sentido da audição por aquele do ver,

isto é, a substituição do tradicional *ouvir* o saber pela *visibilidade* do mesmo. Para os gregos, o ouvido era o meio por excelência da apresentação da verdade. A mensagem dos deuses, transmitida pelo oráculo, e os diálogos platônicos como caminho da verdade são exemplos que o comprovam. E a cegueira do vidente Theresias expressa, literalmente, a preferência do ouvido em relação aos demais modos de mediação do saber. A Idade Média manteve esse foco, ainda que a voz a ser ouvida passasse a ser aquela do próprio ser humano, ou, quando se tratasse do divino, a *voz interior* ao homem. O eco dessa tradição encontra-se, ainda hoje, na denominação das salas de conferências enquanto *Auditórios*. A denominação contrasta, hoje, com a realidade das preleções, que se reduziram, de modo crescente, a leituras de textos formulados de antemão. A tecnologia avançada, como o ‘beamer’, reforça a nova preferência da palavra *escrita e vista* em detrimento da *falada e ouvida*. Há, de fato, uma diferença marcante entre o *ler* e o *ouvir*. A leitura refere o conteúdo fixado na escrita sem exigir a atenção e presença plenas do interessado no Auditório, graças à possibilidade que tem de conferir, mais tarde, o texto escrito; trata-se de um saber que se petrifica nas letras. O ouvido, ao contrário – tendo-se em mente a fala livre –, mediatiza conteúdos em progresso, que se perdem sem a devida atenção do ouvinte. É impossível repetir a mesma fala, em cujo desdobramento procura-se a formulação certa; são momentos subjetivos que determinam, aí, a elaboração do exposto. É impossível repetir um debate ou diálogo sem que haja modificação no teor do dito. Por isso, uma revalidação do ouvido como alternativa na produção do saber oferece forte legitimação à cruzada de Feyerabend contra o “chauvinismo” da racionalidade cientificista.

Quanto ao segundo aspecto referido, isto é, a necessidade de recuperação do espírito verdadeiramente crítico, devemos lembrar que cada teoria tem caráter exclusivista no que diz respeito à sua conceituação; em outras palavras, a construção conceitual fundamenta o saber sempre delimitando-o simultaneamente. Ora, a crítica de Feyerabend opõe-se justamente a isto. Não tenho aqui em mente, é óbvio, o significado de “crítico” presente no dito *Racionalismo Crítico*, acusado pelo filósofo por se autoproclamar como sendo o caminho régio do conhecimento. Muito pelo contrário, a crítica a que me refiro é aquela que repudia justamente esse tipo de teorias dogmáticas, as quais postulavam aceitação e reconhecimento incondicionais. Crítica, portanto, radical, já que se volta ao cerne da autoconsciência moderna, colocando em dúvida a convicção iluminista, que aposta tudo na razão humana dita construtiva.

É, sem dúvida, incontestável que teorias logicamente convincentes criam um certo *eros científico*, por facilitar a orientação do homem num mundo cada vez mais complexo. A verdade,

contudo, é que tais teorias só nos dão uma segurança de solo *aparentemente* firme. E não é raro, infelizmente, que essa pseudopromessa leve muitos teóricos a utilizar-se delas transformando-as em dogmas, de modo a proteger-se contra incertezas intelectuais. Ao ver de Feyerabend, no entanto, “a condição de consistência, segundo a qual hipóteses novas deveriam coincidir com teorias reconhecidas, é irracional, pois mantém viva não a melhor teoria, senão a mais antiga” (Feyerabend, 1977, Introdução § 3). De fato, o recurso a critérios considerados racionais para legitimar o saber e criar a sensação de segurança tem um efeito colateral grave, porque ele exclui, qualificando-as como não legitimáveis racionalmente, aquelas experiências que escapam aos limites conceituais da teoria escolhida.

Tomado a sério, o tipo de crítica aqui positivamente referida e que se poderia dizer *saudável* leva a um duplo resultado: em primeiro lugar, ela chama a atenção àquelas experiências que não cabem no âmbito da conceituação da teoria criticada; e, em segundo lugar, reconhece uma diversidade de fontes de saber não comprometidas com os critérios da racionalidade cientificista. Pois é da concorrência entre as diversas fontes de saber que nasce a verdadeira postura crítica; postura esta que parte do reconhecimento de que, na busca do saber, cada proposta traz para o debate elementos de antemão não descartáveis, promovendo uma verdadeira cura do saber em relação à sua crescente paralisia. Temos assim que, antes de toda crítica radical, está o reconhecimento do direito a alternativas para o pensar; alternativas que tragam à tona o que não é tematizado nem tematizável na teoria criticada. Em última instância, a crítica postulada por Feyerabend é de molde a levar a uma radical autocrítica toda teoria que, até aí, pretendesse defender sua exclusividade.

E, enfim, chegados ao terceiro aspecto, as discussões que se vêm fazendo acerca da reação adequada diante da diversificação e especialização no mundo científico serão talvez a mais importante das contribuições de Feyerabend dentro do cenário atual das ciências. Refiro-me ao problema da interdisciplinaridade. O fato de este termo ter criado equívocos e levado à introdução de outros conceitos – defende-se, hoje, uma transdisciplinaridade, uma multidisciplinaridade, entre outras – indica apenas a grande confusão existente a esse respeito.

O ponto de partida dessa confusão está no fato de o desenvolvimento das ciências não permitir mais que se integre o saber em um sistema único. Não dá mais para falar em “ciência” no singular. O leque das culturas de ciência tem-se cada vez mais diferenciado, de modo que ninguém mais consegue dominá-lo na sua íntegra. O linguajar, às vezes, incompatível entre as disciplinas é um sinal claro da situação. Procura-se, portanto, um caminho para reagir ao desamparo que se encontra aí. Ao defender a tese de que “a multiplicidade de teorias é

frutífera para a ciência, ao passo que a uniformidade paralisa sua força crítica”, Feyerabend está implicitamente apontando a uma possível solução, pois reivindica o reconhecimento de todos os modos da construção do saber, sejam quais forem os temas e métodos escolhidos. Segundo ele, não se deveria sacrificar a multiplicidade das culturas científicas em nome da busca da unidade do saber.

O que soa plausível é, contudo, difícil de realizar. E se for mesmo impossível voltar a um paradigma único da ciência, restará uma só saída, a saber, a construção de pontes entre as disciplinas ou, o que é afinal o mesmo, a cooperação. Isto soa, na verdade, paradoxal: será realmente possível contrabalançar a dinâmica de diferenciação das disciplinas mediante a cooperação?

Aproveitando-me dos raciocínios de Feyerabend, penso que o sucesso deste caminho depende da validação de pelo menos cinco demandas. A primeira requer que cada construção teórica do saber reconheça que as demais também podem ter razão; nenhuma tem o direito à última palavra. A segunda demanda, que exige o reconhecimento da pretensão de verdade das teorias concorrentes, implica a aceitação da distância entre elas; porque, só ao tomarmos a sério a outra teoria na sua diferença, seremos solicitados a tornar mais clara, para nós mesmos, a nossa posição teórica. Em outras palavras, é mediante o respeito pelos modos diversos da construção do saber que acontece a abertura àquela postura científica reflexiva, pela qual pleiteia Feyerabend. A terceira demanda reconhece que será unicamente no confronto entre concepções concorrentes que cada uma delas se verá obrigada a reconhecer e confessar seus preconceitos em relação às questões abordadas. Por exemplo, a interpretação de dados levantados sobre um certo território ou um grupo social será certamente influenciada, entre outros, pelos interesses que estiverem em jogo, pela orientação ideológica, pela qualificação do profissional e pelo conhecimento preliminar. Sendo assim, se não se chegar a tematizar esses elementos, o debate não passará de mera luta ideológica, na qual os interlocutores defenderão cegamente os seus próprios preconceitos. A quarta demanda prevê que a luta entre as teorias não vá à cata de um consenso, senão que a concorrência entre concepções teóricas do saber resulte em uma postura reflexiva da parte dos diversos interlocutores. E, por fim, a quinta demanda prevê, nos interlocutores, uma predisposição de abandonar, se necessário, suas supostas certezas, privilegiando o avanço no saber em detrimento da segurança anterior. Essa demanda acredita que só mediante a mútua aprendizagem dos diversos modos de reagir às experiências realizadas no confronto com o mundo é possível chegar a inovações científicas; pois serão, afinal, esses modos alternativos de

reagir às experiências que conseguirão “formar subculturas completas, não mais baseadas na ciência e no racionalismo” (Feyerabend, 1977, Introdução § 4). Trata-se, por certo, de uma reivindicação radical; parece-me ser sobretudo ela, no entanto, que torna clara a desalentadora insuficiência do tradicional ape-lo à racionalidade cientificista como critério exclusivo do saber.

Epílogo

Não é provável que Feyerabend tivesse previsto, em toda sua extensão, as consequências de sua teoria anárquica do conhecimento. Mas é legítimo, por isso mesmo, aproveitar-nos de sua crítica para reagir aos desafios atuais no cenário das ciências contemporâneas. E foi precisamente nesse intuito que os raciocínios desenvolvidos neste ensaio sublinharam apenas três impulsos inerentes à sua crítica; impulsos de importância, entretanto, incontestável para os debates atuais. Esses impulsos foram: o papel constitutivo de subculturas científicas para a construção do saber; a ideia da ciência como práxis hermenêutica; e a formulação de pressupostos para a cooperação interdisciplinar entre as ciências. Resta-me dizer que, pensado embora como denúncia, por parte dos críticos de Feyerabend, o epíteto “anarquista científico” que lhe lançaram, põe apenas à luz, em claridade meridiana, o caráter altamente produtivo de sua crítica.

Referências Bibliográficas

- BRECHT, Bertold. *Estudos sobre teatro* (Org. F. de Pais Brandão). Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1978.
- DANTO, Arthur. *A transfiguração do lugar-comum*. São Paulo, 2005. O título inglês original é *The transfiguration of the commonplace: a philosophy of art*. 1981.
- FEYERABEND, Paul. *On the improvement of the Science and arts, and the possible identity of the two*. In: *Boston Studies in the Philosophy of Science*, III, Boston, 1967.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- FLICKINGER, Hans-Georg. *Deslocamento das fronteiras entre filosofia e artes*. In: *Pensar Sensível*. (Org. L. C. Bomassaro et alii). Caxias do Sul: EDUCS, 2011. Pág. 497-510.
- GOODMAN, Nelson. *Languages of Art – an approach to a theory of symbols*. London, 1969.
- HEGEL, G.W.F. *Estética*. Lisboa: Ed. Guimarães, 1993.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éliada Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais – Thomas Kesselring* *Juizados ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx

- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívil* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro

- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Favero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rôber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingos
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva

- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luís do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como a ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”)* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Marièle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ángel Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Ellul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D’Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani



Hans Georg Flickinger é professor emérito da Universidade de Kassel. Ele iniciou sua carreira acadêmica na Universidade de Heidelberg, em 1971 e assumiu em 1977 a vaga como professor titular de Direito Administrativo e Filosofia Política na Universidade de Kassel. De 1982 até 1992 foi também professor visitante na UFRGS, e foi convidado em 1993 a trabalhar nos Programas de Pós-Graduação de Filosofia e Serviço Social da PUCRS. Em 2009 aposentou-se na Universidade

de Kassel. Ele continua ativo, apoiando a cooperação entre a Universidade de Kassel e universidades do Sul do Brasil. Suas pesquisas concentram-se na filosofia política, hermenêutica, estética e, recentemente, na filosofia da educação.

Entre suas obras, destacam-se

Neben der Macht – Begriff und Krise des bürgerlichen Rechts (Ao lado do poder – conceito e crise do direito burguês), Syndicat, 1980.

Marx – nas pistas da desmistificação filosófica do capitalismo, L&PM, 1985.

Marx e Hegel – o porão de uma filosofia social, . L&PM, 1986.

Teoria de auto-organização – as raízes da interpretação construtivista do conhecimento (junto com W. Neuser), EDIPUCRS, 1994.

“Entre caridade, solidariedade e cidadania – história comparativa do serviço social Brasil/Alemanha” (Org. H. G. Flickinger), EDIPUCRS 2000;